

**FRANZ SCHUBERT**  
**(1797-1828)**



**GLAUBE, HOFFNUNG UND LIEBE**

ARRANJO PARA CORO A 4 VOZES MISTAS E ÓRGÃO

Por

JORGE ALVES BARBOSA

Viana do Castelo - 2025

# “GLAUBE, HOFFNUNG UND LIEBE”

[ “FÉ, ESPERANÇA E AMOR” ]

*Poema de Johann Anton Friedrich Reil*

*Música de Franz Schubert, D 954*

*Versão para Coro 4 v.m. e Órgão, de Jorge Alves Barbosa*



“*Glaube, Hoffnung und Liebe*” [Fé, Esperança, Amor] é o título de um Lied de Franz Schubert (1797-1828) para quatro vozes masculinas solistas, Coro misto e Piano ou Orquestra de Sopros, baseada num poema de Johann Anton Friedrich Reil (1773-1843). O poeta insere-se aqui no ambiente marcadamente romântico, em que os objectos evocam sentimentos e inspiram atitudes de todo o género. Contempla um campanário, deixando-se envolver pelo ressoar dos sinos, inspirado por aquela mística especial que desde sempre envolveu este instrumento. Uma certa ambivalência do ressoar dos sinos, assinalando os momentos mais solenes como os mais trágicos, granjeou um favor especial do movimento romântico com relevo para a música, chegando o sino a integrar a própria orquestra e assumindo particular protagonismo em obras como a *Sinfonia Fantástica* de Hector Berlioz ou a *Abertura 1812* de Tchaikovsky;<sup>1</sup> na literatura para Piano, recordamos o final de *Papillons* de Robert Schumann ou o tom lúgubre e obsessivo que marca “Le Gibet” em *Gaspard de la Nuit* de Maurice Ravel, ao lado de “Campanários” das *Telas Campesinas* de Luís Costa ou do final da *Balada* de José Vianna da Motta; passou a integrar as sonoridades do órgão romântico, sendo sugerido ou evocado em peças como *Chant du Soir* de Marco Enrico Bossi ou até em “Prière a Notre-Dame” da *Suite Gothique* de Léon Boëllman, vindo a inspirar obras como *Carillon de Westminster* de Louis Vierne. Invadiu por fim a literatura

---

<sup>1</sup> A primeira referência documental ao uso de sinos numa peça musical é atribuída a Georg Melchior Hoffmann (1679–1715) que, na *Cantata “Schlage doch, gewünschte Stunde”*, prevê a utilização de dois pequenos sinos. Na ópera *Camille* de Nicolas-Marie Dalayrac (1753–1809) é solicitado o toque de sinos de igreja, tal como na Ópera *La Révolution du Dix Août* de Ignaz Pleyel (1757–1831) ou em *Les Huguenotes* de Giacomo Meyerbeer (1791–1864) que prevê a utilização de um sino grande, da mesma forma que, na *Abertura 1812* de Piotr Tchaikovsky (1840–1893), é prevista a participação dos sinos das igrejas de Moscovo.

para Coro, numa tentativa de imitação da respectiva sonoridade em obras de sabor natalício, marcadas nos respectivos títulos como “Jingle bells” ou “Campana sobre campana”.

Como bem expressa a inscrição colocada num dos sinos da Catedral de Metz, o sino “*Louva o Deus verdadeiro, chama o povo à oração, convoca o clero, chora os mortos, afugenta as tempestades, alegra as festividades*”. Por outro lado, a música para carrilhão cria uma relação especial com o ouvinte dado que, quando ressoa, o faz para o indeterminado, para o infinito. Por isso mesmo, o executante – e de modo especial o “carrilhonista” – não tem um público determinado, mas toca para todos e para ninguém, atingindo uma dimensão da distância que justifica a expressão de Karl Dembrowsky: “a majestosa harmonia destes sons fala à alma”.

A sonoridade e a riqueza harmónica das vibrações sonoras de um sino, evocam no poema de Friedrich Reil – onde vislumbramos os termos da inscrição referida no sino de Metz – a harmonia do Universo, da Criação e da sociedade dos homens, cujo fundamento se encontra precisamente nas três virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade. Uma Fé que leva ao louvor do Criador, especialmente naquele santuário cujo espaço o sino define e amplia; uma Esperança que brota da Graça que o próprio Deus disponibiliza a todos os que quiserem, tal como o sino ao expandir gratuitamente as suas harmonias; a Caridade, construtora daquela harmonia que pode trazer a todos a felicidade, e que o ressoar harmónico do sino bem simbolizam. Por isso, um poema que se poderia, com toda a propriedade, intitular simplesmente “Die Glocke” [o sino] leva o título sugestivo que o encabeça, ao mesmo tempo que não deixa de ser significativo o facto de iniciar com a palavra “Gott” [Deus] e concluir com a palavra “Harmonie” [harmonia]. Por isso, sendo um canto de sabor profano, não deixa de revelar aquela dimensão religiosa – diríamos mesmo litúrgica – que motivou o trabalho que aqui apresentamos. O contacto com esta obra de Reil / Schubert surgiu um pouco casualmente no contexto das pesquisas à volta do tema da *Esperança* que marca o Ano Jubilar de 2025.<sup>2</sup>

Gott! laß die Glocke glücklich steigen,  
Die Töne schallen in der Luft,  
Daß hell sie von der Andacht zeugen,  
Zu der uns unser Glaube ruft!  
An Dich, o Schöpfer, glauben wir;  
Die Glockentöne hallen Dir!

Von Dir tönt alles Heil hernieder.  
O nimm zu Deinem Lob und Ruhm  
Auch unsers Dankes Töne wieder  
Aus Deines Hauses Heiligthum!  
Auf Deine Gnade hoffen wir,  
Die Feyertöne jubeln Dir.

O Gottes Friede nur frohlocke,  
Nur Liebe uns von diesem Thurm!  
Und nie bewege sich die Glocke  
Zum Unglück, Jammer, Brand und Sturm!  
Zur Liebe, Liebe läute sie,  
Aus Liebe nur klingt Harmonie.

Meu Deus! Ressoie alegre o sino,  
Que o som se expanda pelo ar;  
Cantando em Teu louvor um Hino  
E inspire a Fé nosso cantar.  
Em Ti, nós cremos, Criador,  
P'lo sino se erga este clamor!

De Ti nos vem a salvação,  
A Ti a glória e o louvor;  
Acolhe a nossa gratidão,  
No santuário Teu, Senhor.  
Que a Tua graça habite em nós  
E um canto entoe a nossa voz.

Ó paz de Deus, nossa alegria  
E nossa esperança estão em ti.  
Com este sino, em cada dia,  
Um canto novo se erga aqui,  
Que, em harmonia e esplendor,  
Ressoie a Esperança, a Fé, o Amor.

---

<sup>2</sup> Franz Schubert compôs ainda o Lied *Hoffnung*, D 251 com poema de Friedrich Schiller, *Hoffnung* D 295 com texto de Johann Wolfgang von Goethe, *Hoffnung* D 637 com texto de Friedrich Schiller e ainda *Letzte Hoffnung* [última esperança] D 911, com texto de Wilhelm Müller.

Na tradução um tanto livre, realizada para esta versão musical tive, quanto possível, em conta a particular sonoridade da língua original bem como o ritmo regular do texto, marcado por uma acentuação que o compositor transpôs para uma música que escreve em compasso 6/8, mas que poderia escrever também em 3/4, e ainda a marca especial de algumas frases musicais, nomeadamente quando atingem sons mais agudos. Considerei oportuno apresentar a partitura com a versão bilingue, podendo ser usada como tal. Do ponto de vista musical, a composição original escrita para quatro vozes masculinas e duas femininas que apenas entram na parte final, proporciona um ambiente de sonoridades escuras face à preponderância da voz masculina, podendo-se ver aqui alguns indícios daquela sonoridade que marca os cantos da maçonaria alemã, tão presente na música de Haydn e Mozart, bem como do ideal do “*Seid umschlungem millionen*” [abraçai-vos, milhões], da *Ode “An die Freude”* de Friedrich Schiller, cantada na *Nona Sinfonia* de Ludwig van Beethoven, ao mesmo tempo que não podemos esquecer o espaço que envolvia as célebres *Schubertiadas* que inspirou e deu o primeiro palco à produção dos *Lieder* schubertianos. Ao escrever para um coro de quatro vozes mistas, tive que fazer algumas opções face à respectiva redução, respeitando quanto possível a sonoridade original, enriquecendo-a eventualmente por meio de uma intervenção mais cuidada e alargada das vozes femininas. Ao mesmo tempo, enquanto o autor apresenta as três estrofes com a mesma estrutura musical que se repete exactamente, utilizando o *Prelúdio* como *Interlúdio* que as encadeia, aqui assistimos a uma espécie de *crescendo* global, assente em contrastes de sonoridade – mais grave na primeira estrofe, mais aguda na segunda, mais abrangente na terceira – enquanto o acompanhamento, tendo como referência fundamental a versão pianística, procura explorar as possibilidades do Órgão, em ordem a imprimir um colorido mais marcante ainda à sonoridade do Coro.

*Meadela, 10 de Janeiro de 2025*

*Jorge Alves Barbosa*

**Franz Schubert (1797 - 1828)**

# **GLAUBE, HOFFNUNG UND LIEBE**

*Lied D 954*

*Poema de Johann Anton Reil*

*Arranjo para*

*Coro a 4 vozes mistas e Órgão*

*por*

*Jorge Alves Barbosa*

**Viana do Castelo - 2025**

# FÉ, ESPERANÇA E AMOR

[ GLAUBE, HOFFNUNG UND LIEBE ]

Música: Franz Schubert, D. 954

Arr.º: J. Alves Barbosa

[2025]

Largo e solene  $\text{♩} = 44$

Soprano

Contralto

Tenor

Baixo

Órgão

I

5

1. Meu Deus! Res-so - e a - le - gre o si - no, Que o som se ex-pan - da pe - lo ar. Can-  
1. Gott, lass die Glo-cke glük - lich stei-gen, Die Tö - ne shal-len in der Luft. Dass

1. Meu Deus! Res-so - e a - le - gre o si - no, Que o som se ex-pan - da pe - lo ar. Can-  
1. Gott, lass die Glö-cke glük - lich stei-gen, Die Tö - ne shal-len in der Luft. Dass

Órgão

II

10

1. Em Ti nós cre - mos,  
1. An Dich, o Schö - pfer,

tan - do em Teu lou - vor um hi - no E ins - pi - re a Fé nos - so can - tar. Em Ti nós cre - mos,  
hell sie vom der An - dacht zeu - gen, Zu der uns un - ser Glau - be ruft. An Dich, o Schö - pfer,

tan - do em Teu lou - vor um hi - no E ins - pi - re a Fé nos - so can - tar. Em Ti nós cre - mos,  
hell sie vom der An - dacht zeu - gen, Zu der uns un - ser Glau - be ruft. An Dich, o Schö - pfer,

15

1. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo  
1. An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die

Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es - te cla - mor. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo  
glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - na hal - len Dir! An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die

Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es - te cla - mor! Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo  
glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne hal - len Dir! An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die

Cri - a - dor, P'lo si - no - se er - ga es - te cla - mor. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo  
glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne hal - len Dir! An Dich, o Schö - pfer glau - ben wir, Die

20

si - no se er - ga es - te cla - mor!  
Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

si - no se er - ga es - te cla - mor!  
Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

si - no se er - ga es - te cla - mor!  
Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

si - no se er - ga es - te cla - mor!  
Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

III - Oboé

II

25

2. De Ti nos vem a sal - va - ção, A Ti a gló - ria  
2. Von dir tönt al - les Heil her - nie - der, O nimm zu dei - nem

2. De Ti nos vem a sal - va - ção, A Ti a gló - ria  
2. Von dir tönt al - les Heil her - nie - der, O nimm zu dei - nem

2. De Ti nos vem a sal - va - ção, A Ti a gló - ria  
2. Von dir tönt al - les Heil her - nie - der, O nimm zu dei - nem

II



30

e o lou - vor; A - co - lhe a nos - sa gra - ti - d'ão, No san - tu - á - rio Teu, Se - nhor!  
Lob und Ruhm, Auch un - sers Dan - kes Tö - ne wie - der Auch Dei - nes Hau - ses Hei - lig - tum.

e o lou - vor; A - co - lhe a nos - sa gra - ti - d'ão, No san - tu - á - rio Teu, Se - nhor! Que a  
Lob und Ruhm. Auch un - sers Dan - kes Tö - ne wie - der Auch Dei - nes Hau - ses Hei - lig - tum! Auf

e o lou - vor; A - co - lhe a nos - sa gra - ti - d'ão, No san - tu - á - rio Teu, Se - nhor! Que a  
Lob und Ruhm, Auch un - sers Dan - kes Tö - ne wie - der Auch Dei - nes Hau - ses Hei - lig - tum. Auf

2. Que a  
2. Auf

35

2. Que a Tu - a Gra - ça ha  
2. Auf Dei - ne Gna - de

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz. Que a Tu - a Gra - ça ha  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir. Auf Dei - ne Gna - de

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to em - to - e a nos - sa voz. Que a Tu - a Gra - ça ha  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir. Auf Dei - ne Gna - de

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz. Que a Tu - a Gra - ça ha  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir. Auf Dei - ne Gna - de

+ Ancie

40

bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
 hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
 hof - fen wir, Dir Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
 hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
 hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

45

3. Ó paz de Deus, nos -  
 3. O Got - tes Frie - de

3. Ó paz de Deus, nos - sa a - le - gri - a E  
 3. O Got tes Frie - de nur froh - lo - cke, Nur

3. Ó paz de Deus, nos - sa a - le gri - a E  
 3. O Got - tes Frie - de nur froh - lo - cke, Nur

II

50

sa a - le - gri-a E nos - sa Es-peran-ça es tão em ti. Em ca - da di - a um can - to no - vo  
 nur froh - lo-cke, Nur Lie - be uns vom die - sem Turm! Und nie be - we - ge sich die Glo - ke

nos-sa Es-peran - ça es - tão em ti. Com es - te si - no em ca - da di - a Um can - to no - vo  
 Lie - be uns von die - sem Turm! Und nie be - we - ge sich die Glo-cke, Zum Un - glück, Jam-mer,

nos-sa Es-peran - ça es - tão em ti. Com es - te si - no em ca - da di - a, Um can - to - no - vo  
 Lie - be uns von die - sem Turm! Und nie be - we - ge sich die Glo-cke, Zum Un- glück, Jam-mer,

- Ancie

55

3, Que em har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es peran - ça a Fé, o A - mor. Que em  
 3. Zur Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie. Zur

se er - ga a - qui. Que em har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es peran - ça, a Fé, o A - mor. Que em  
 Brand und Sturm. Zur Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie. Zur

se er - ga a - qui. Que em har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A - mor. Que em  
 Brand und Sturm! Zur Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie. Zur

+ Ancie &gt;

60 2.<sup>a</sup> voz ad libitum



har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.

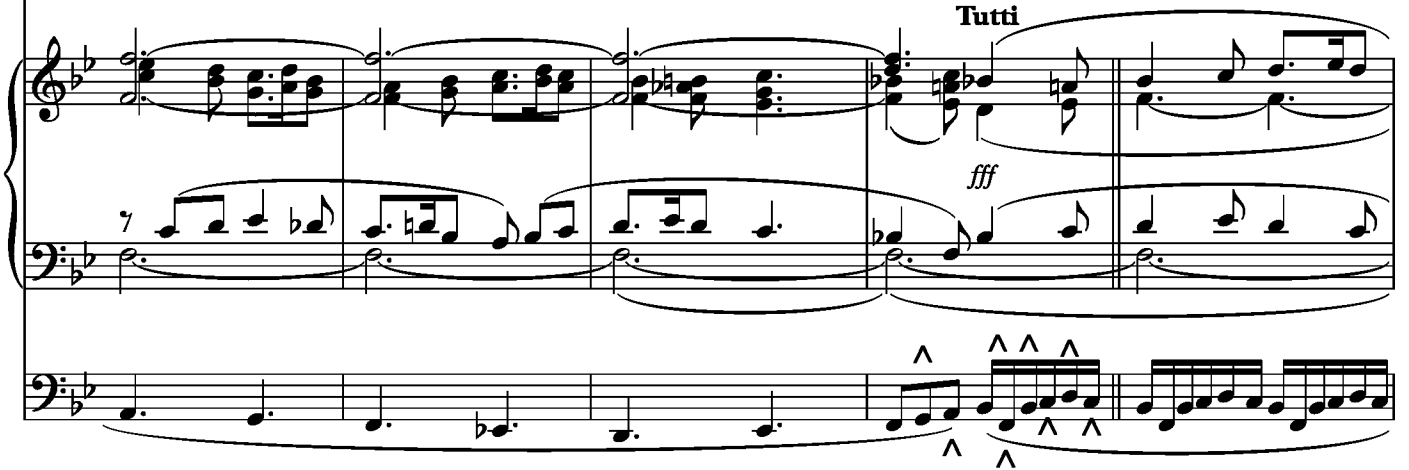
har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.

har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.

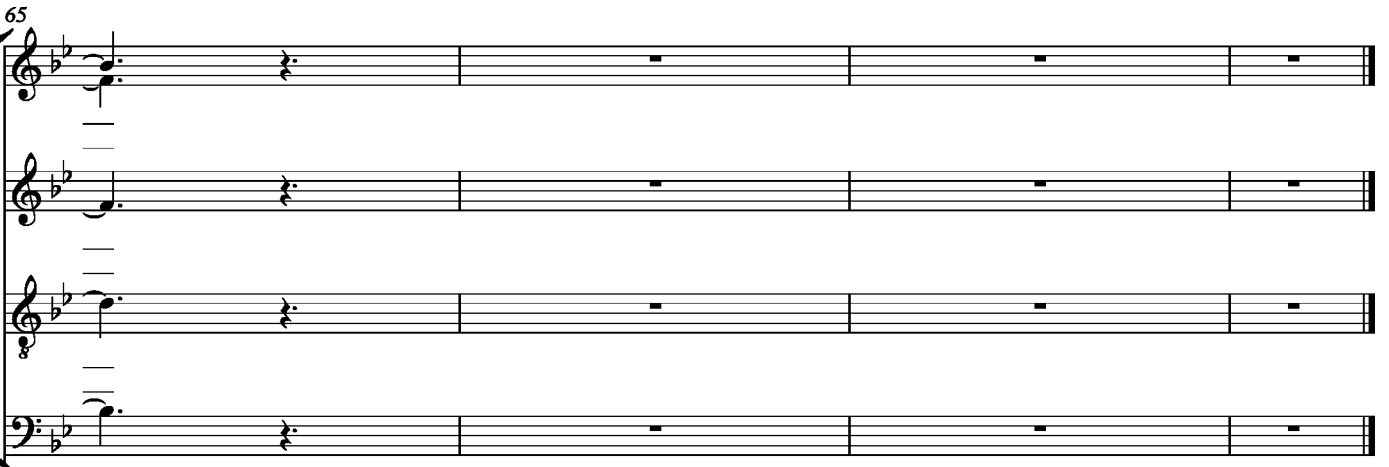
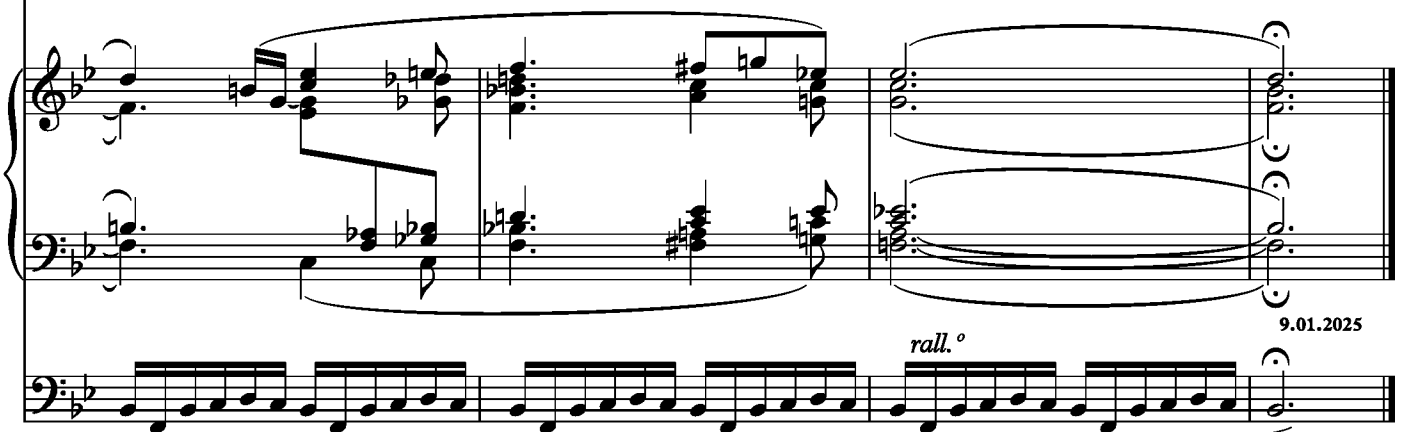
har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.

**Tutti**

*fff*



65

*rall.*

# FÉ, ESPERANÇA E AMOR

[GLAUBE, HOFFNUNG UND LIEBE]

Música: Franz Schubert, D. 954

Arr.º: J. Alves Barbosa

[2025]

4

Largo e solene  $\text{♩} = 44$

Sopranos

Contraltos

Tenores

Baixos

1. Meu Deus! Res-so - e a - le - gre o si - no, Que o  
1. Gott, lass die Glo-cke glük - lich stei-gen, Die

8

som se ex-pan-da pe - lo ar. Can-tan-do em Teu lou - vor um hi - no E ins - pi - re a Fé nos  
Tö - ne shal-len in der Luft. Dass hell sie vom der An-dacht zeu-gen, Zu der uns un - ser

13

1. Em Ti nós - cre - mos, Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es  
1. An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - na

so can-tar. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es  
Glau - be ruft. An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne

so can-tar. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo si - no-se er - ga es  
Glau - be ruft. An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne

V.S.

1. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es - te cla - mor!  
 1. An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

te cla - mor. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es - te cla - mor!  
 hal - len Dir! An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

te cla - mor! Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es - te cla - mor!  
 hal - len Dir! An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

te cla - mor. Em Ti nós cre - mos, Cri - a - dor, P'lo si - no se er - ga es - te cla - mor!  
 hal - len Dir! An Dich, o Schö - pfer, glau - ben wir, Die Glo - cken - tö - ne hal - len Dir!

2. De Ti nos vem a sal - va - ção, A Ti a gló - ria  
 2. Von dir tönt al - les Heil her - nie - der, O nimm zu dei - nem

2. De Ti nos vem a sal - va - ção, A Ti a gló - ria  
 2. Von dir tönt al - les Heil her - nie - der, O nimm zu dei - nem

2. De Ti nos vem a sal - va - ção, A Ti a gló - ria  
 2. Von dir tönt al - les Heil her - nie - der, O nimm zu dei - nem

2. De Ti nos vem a sal - va - ção, A Ti a gló - ria  
 2. Von dir tönt al - les Heil her - nie - der, O nimm zu dei - nem

e o lou - vor; A - co - lhe a nos - sa gra - ti - dão, No san - tu - á - rio Teu, Se - nhor!  
 Lob und Ruhm, Auch un - sers Dan - kes Tö - ne wie - der Auch Dei - nes Hau - ses Hei - lig - tum.

e o lou - vor; A - co - lhe a nos - sa gra - ti - dão, No san - tu - á - rio Teu, Se - nhor! Que a  
 Lob und Ruhm. Auch un - sers Dan - kes Tö - ne wie - der Auch Dei - nes Hau - ses Hei - lig - tum! Auf

e o lou - vor; A - co - lhe a nos - sa gra - ti - dão, No san - tu - á - rio Teu, Se - nhor! Que a  
 Lob und Ruhm, Auch un - sers Dan - kes Tö - ne wie - der Auch Dei - nes Hau - ses Hei - lig - tum. Auf

2. Que a  
2. Auf

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa - voz. Que a  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir. Auf

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to em - to - e a nos - sa voz. Que - a  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir. Auf

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz. Que - a  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir. Auf

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Dir Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

Tu - a Gra - ça ha - bi - te em nós E um can - to en - to - e a nos - sa voz.  
Dei - ne Gna - de hof - fen wir, Die Fei - er - tö - ne ju - beln Dir.

3. Ó paz de Deus, nos - sa a - le - gri - a E nos - sa Es - peran - ça es  
3. O Got - tes Frie - de nur froh - lo - cke, Nur Lie - be uns vom

3. Ó paz de Deus, nos - sa a - le - gri - a E nos - sa Es - peran - ça es - tão em ti. Com  
3. O Got - tes Frie - de nur froh - lo - cke, Nur Lie - be uns von die - sem Turm! Und

3. Ó paz de Deus, nos - sa a - le - gri - a E nos - sa Es - peran - ça es - tão em ti. Com  
3. O Got - tes Frie - de nur froh - lo - cke, Nur Lie - be uns von die - sem Turm! Und

3, Que-em  
3. Zur

tão em ti. Em ca - da di - a um can - to no - vo se er - ga a - qui. Que em  
die sem Turm! Und nie be - we - ge sich die Glo - ke Brand und Sturm. Zur  
es - te si - no em ca - da di - a Um can - to no - vo se er - ga a - qui. Que em  
nie be - we - ge sich die Glo - cke, Zum Un - glück, Jam - mer, Brand und Sturm! Zur  
es - te si - no em ca - da di - a, Um can - to - no - vo se er - ga a - qui. Que em  
nie be - we - ge sich die Glo - cke, Zum Un glück, Jam - mer, Brand und Sturm! Zur

56

har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A - mor. Que - em  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie. Zur  
har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça, a Fé, o A - mor. Que em  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie. Zur  
har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A - mor. Que em  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie. Zur  
har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a E - peran - ça a Fé, o A - mor. Que - em  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie. Zur

60 2.<sup>a</sup> voz ad libitum

har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A - mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.  
har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A - mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.  
har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça a Fé, o A - mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.

har - mo - ni - a e es - plen - dor, Res - so - e a Es - peran - ça, a Fé, o A - mor.  
Lie - be, Lie - be läu - te sie! Aus Lie - be nur klingt Har - mo - nie.